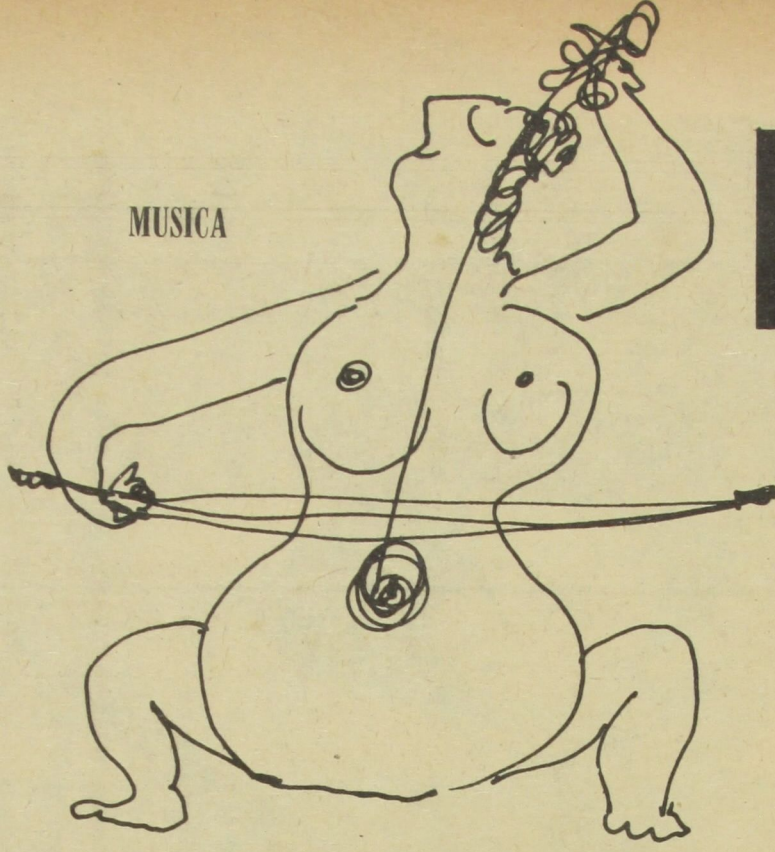


BA. CM 29.12.54

Um Natal que passou

MUSICA



Crônicas de Natal e Ano Bom são sempre mais ou menos parecidas; a maioria dos cronistas, depois de alguns anos de prática, não faz mais do que recauchutar uma crônica usada nesta época do ano.

Isto não faremos. Considerando que ainda está em boas condições uma crônica em dezembro de 1951 vamos aproveitar aqui, certos de que o leitor achará justa esta folga de fim de ano.

E nossos votos para que você seja feliz no cumprimento de seu esquema de 54, pois esquema é a palavra da moda.

"E' noite de Natal, e estou sôzinho na casa de um amigo, que foi para a fazenda. Mais tarde talvez saia. Mas vou me deixando ficar sôzinho, numa confortável melancolia, na casa quieta e cômoda. Dou alguns telefonemas, abraço a distância alguns amigos. Essas poucas vozes de homem e de mulher, que respondem alegremente à minha, são quentes, e me fazem bem. "Feliz Natal, muitas felicidades!"; dizemos essas coisas simples com afetuoso calor; dizemos e creio que sentimos; e como sentimos, merecemos. Feliz Natal!

Desembrulho a garrafa que um amigo teve a lembrança de me mandar ontem; vou lá dentro, abro a geladeira, preparo um uísque, e venho me sentar no jardimzinho, perto das folhagens úmidas. Sinto-me bem, oferecendo-me este copo, na casa silenciosa, nessa noite de rua quieta. Este jardimzinho tem o encanto sábio e agreste da dona da casa que o formou. E' um pequeno espaço folhudo e florido de côres, que parece respirar; tem a vida misteriosa das moitas perdidas, um gosto de roça, uma alegria meio caipira de verdes, vermelhos e amarelos.

Penso, sem saudade nem mágoa, no ano que passou. Há nele uma sombra dolorosa; evoco-a neste momento, sôzinho, com uma espécie de religiosa emoção. Há também, no fundo da paisagem escura e desarrumada desse ano, uma clara mancha de sol. Bebo silenciosamente a essas imagens da morte e da vida; dentro de mim elas são irmãs. Penso em outras pessoas. Sinto uma grande ternura pelas pessoas; sou um homem sôzinho, numa noite quieta, junto de folhagens úmidas, bebendo gravemente em honra de muitas pessoas.

De repente um carro começa a buzinar com força, junto ao meu portão. Talvez seja algum amigo que venha me desejar Feliz Natal ou convidar para ir a algum lugar. Hesito ainda um instante; ninguém pode pensar que eu esteja em casa a esta hora. Mas a buzina é insistente. Levanto-me com certo alvoroço, olho a rua, e sorrio: é um caminhão de lixo. Está tão carregado, que nem se pode fechar; tão carregado como se trouxesse todo o lixo do ano que passou, todo o lixo da vida que se vai vivendo. Bonito presente de Natal!

O motorista buzina ainda algumas vezes, olhando uma janela do sobrado vizinho. Lembro-me de ter visto naquela janela uma jovem mulata de vermelho, sempre a cantarolar e espiar a rua. E' certamente a ela quem procura o motorista retardatário; mas a janela permanece fechada e escura. Ele movimenta com violência seu grande carro negro e sujo; parte com ruído, estremecendo a rua.

Volto à minha paz, e ao meu uísque. Mas a frustração do lixeiro, e a minha também, quebraram o encanto solitário da noite de Natal. Fecho a casa e saio devagar; vou humildemente filar uma fatia de presunto e de alegria na casa de uma família amiga.

DUAS PAGINAS DE Rubem

GENTE DA CIDADE



Joel Silveira, reporter

A POESIA É NECESSÁRIA

DOIS SONETOS DE VINICIUS DE MORAIS

Soneto da Fidelidade

De tudo, ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dêle se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento.

E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama.

Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal pôsto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.

Soneto da Separação

De repente do riso fez-se o pranto
Silencioso e branco como a bruma
E das bocas unidas fez-se a espuma
E das mãos espalmadas fez-se o espanto.

De repente da calma fez-se o vento
Que dos olhos desfez a última chama
E da paixão fez-se o pressentimento
E do momento imóvel fez-se o drama..

De repente, não mais que de repente
Fêz-se de triste o que se fêz amante
E de sôzinho o que se fez contente.

Fêz-se do amigo próximo o distante
Fêz-se da vida uma aventura errante
De repente, não mais que de repente.



Vinicius de Moraes (carioca, bacharel, diplomata, cineasta, festivalista patricio, nascido em 1913) já apareceu nestas colunas assinando dois lindos poemas infantis. Volta agora com dois de seus mais conhecidos sonetos de amor (ou desamor) que fazem parte da antologia que a Editora "A Noite" lançará em começo de 1954 e que permitirá à nova geração conhecer melhor esse grande poeta cujos livros são difíceis e raros. No momento Vinicius está em Roma convidando as bergmans, lolobrigidas e pampaninis para o Festival de Cinema de São Paulo; em fevereiro virá aqui e depois voltará para assumir o pôsto, para o qual já foi nomeado, na embaixada do Brasil em Paris.

Joel Silveira, que em outros bancos também se assina Joel Ribeiro Silveira (dá no mesmo: reforma sempre, o que posso dizer como seu antigo e autêntico "companheiro de letras") nasceu em Lagarto, Sergipe, no primeiro dia da primavera de 1918, um mês antes do fim da Grande Guerra, e sempre foi chamado em família, pelo seu natural inquieto, "o afobadinho de Lagarto". Seu pai teve 9 filhos "dos quais 11 vivos", pois é antigo uso do Nordeste ter dois ou três sobressalentes, por fora; era comerciante, proprietário da "Casa Modêlo" que vendia de tudo inclusive brinquedos de Nuremberg, usava colarinho duro e vinha ao Rio assistir óperas. Joel não foi trucidado em criança porque Lagarto foi a única cidade em que Lampião jamais conseguiu entrar, o que uns atribuem à bravura natural dos filhos da terra e outros ao mêtodo que Virgolino sempre teve das gramáticas de Laudelino Freire. "Terra de Laudelino Freire, mas de Silvio Romero também" haveria de escrever Joel aos 14 anos.

Em Aracajú o rapaz fez ginásio, foi presidente de um Grêmio Literário, meteu-se em um jornalzinho chamado "O Proletário" e outro chamado "A luta", êste empastelado pelos integralistas sob o comando de Omer Montalegre. Aos 16 anos ganhou o prêmio estadual de 500 mil réis com a novela "O Desespêro", editada no local, desentendeu-se com o pai, pegou um Ita ("imbé") no Norte, veio para o Rio morar. O "Itaimbé" em questão foi afundado pelos submarinos alemães na barra do Rio Real em 1942 — "com o lamentável atrazo de 5 anos", diz Egídio Squeff.

Joel desembarca no Rio, instala-se numa pensão, procura com uma carta de apresentação o hoje senador Durval Cruz que o recebe muito bem e o embroma longa e cruelmente sem soltar jamais um níquel para o café. Joel emprega-se como suplente de revisor de "O Globo" e se faz redator da revista "Brasil Ferrocarril". Um dia procura, com sua novelinha em punho, o diretor Magalhães Junior, da revista "Vamos Lêr", que o recebe muito mal, publica a novela e lhe dá um emprêgo; Joel faz um artigo semanal de divulgação sôbre vultos da Revolução Francesa.

A essa altura aparece "Dom Casmurro", dirigido por Álvaro Moreyra e Brício de Abreu; o moço manda uma carta a Álvaro, que a publica na primeira página. Um mês depois, tendo saído tôda uma equipe da redação (Carlos Lacerda, Otávio Tirso, Lúcio Rangel, Mário Saudoso Cabral, etc.) Joel é secretário juntamente com seu ex-empastelador Omer Montalegre, que já abandonara o integralismo. Brício paga-lhe 15 cruzeiros por semana e deixa que êle venda no sebo os livros que as editoras mandam para a redação, o que rendia mais uns 35. Um dia Joel foi com Josué Montelo esperar no cais um literato que chegava do Maranhão, chamado Ribamar de Oliveira. Deliberaram os dois que êsse nome não prestava, resolveram que o moço se chamaria Oliveira e Franklin, mas êsse nome não pegou, mudaram para Franklin de Oliveira, pegou. O grupo de "Dom Casmurro" é constituído de Franklin, Josué, Nélio Reis (hoje advogado) Clóvis Ramallete (idem) Danilo Bastos (casou-se com Dercy Gonçalves) Wilson Lousada (trabalha na Editora José Olímpio) e outros. Quando Álvaro Moreyra saiu da direção êsses moços convidaram Marques Rebelo para o lugar, mas se desgostaram porque Mar-

ques só queria elogiar os escritores mineiros, e chamaram Jorge Amado. Um dia Carlos Lacerda telefonou a Joel, foi encontrá-lo no Amarelinho, disse-lhe que estava em "Diretrizes" com Samuel Wainer, propôs-lhe promover uma polêmica para sacudir o torpor da imprensa sob o Estado Novo. "Dom Casmurro" atacaria Portinari, "Diretrizes" o defenderia. Joel hesitou, mas Jorge Amado topou, começou a briga que virou de verdade interessando muita gente, até me lembro que eu estava em Cachoeiro e lá recebi telegramas das partes em conflito pedindo adesão, mas fiquei de fora. Joel se lembra que Brício terminava todos os artigos com um "tant pis" e também mais tarde, quando foi para "Diretrizes", de sua briga com Maurício Goulart que queria publicar um artigo começando assim: "Tirante é óbvio..." Com Samuel Wainer, Maurício Goulart, Remy Fonseca, Genolino Amado (uns entravam outros saíam) "Diretrizes" teve uma grande face de semanário e Joel se fez terrivelmente popular com duas reportagens sarcásticas, uma sobre os grã-finos de S. Paulo, outra sobre o Clube das Vitórias Régias. Fechado o jornal pelo DIP, Joel é levado por Drault Ernany para os "Diários Associados", e "O Jornal" então dirigido por Carlos Lacerda, manda-o para a Itália como correspondente de guerra. Trabalha como um desatino, volta vitorioso, Chateaubriand aumenta seu ordenado, ele é padrinho de um avião chamado "Pracinha", mas não resiste a um convite de Samuel Wainer para voltar para a reaberta "Diretrizes" embora ganhando menos 3 contos. Vai, e um mês depois fica desempregado, começa a pular de jornal em revista, por exemplo: a "Revista do Comércio", com Humberto Braga e este cronista, "A Fôlha do Dia", "A Resistência", "Unidade", "Panfleto", "Leitura", "Fôlha do Povo" — jornais que se abrem e fecham, Joel é secretário, diretor, repórter. Em 1947 entra para o "Diário de Notícias", mais tarde também para a sucursal do "O Estado de S. Paulo", é um dos fundadores de "Comício", volta a trabalhar com Samuel Wainer na "Última Hora", lança "Flan", sai, dirige "A Vanguarda", sai, atualmente dá vida nova à velha "Revista da Semana". Ao longo dessa história ele se casa e tem filhos, escreve vários livros de contos — "Onda raivosa", "Roteiro de Margarida", "A Lua", — três de reportagens — "Os homens não falam demais", de parceria com Chico de Assis Barbosa, "Histórias de Pracinha", "Grã-finos de S. Paulo", — e um de poesia "O Marinheiro e a Noiva", em edição de luxo. Tem uma enorme capacidade de trabalho e de arranjar encrencas (briga e fica de bem) um humor altamente instável, dá grandes estouros terríveis e pitorescos, bebe uísque e seu grande refúgio é a música, principalmente Beethoven e Mozart; agora está com mania de Vila Lobos e Katchaturian. Membro do Partido Socialista, foi candidato a vereador no Rio, teve 19 votos, o que o fez desconfiar da política e principalmente da família, que tinha 21 eleitores. Já trabalhou em mil lugares, como o "Anuário" de Pongetti, o "Almanaque" da Nestlé (levado por Marques Rebelo), ganha e gasta muito, é o pior homem de negócios do Brasil. Considera-se campeão de futebol de botão da Zona Sul, mas nunca jogou comigo.

R. B.

Concurso de traduções

Encerra-se hoje o prazo, já uma vez prorrogado, do concurso de traduções de um soneto do poeta norte-americano Cummings. As traduções que chegarem de amanhã em diante não serão entregues à comissão julgadora que está sendo constituída. Foi muito maior do que o previsto o interesse despertado pelo concurso, e os poetas-tradutores afluíram de todos os pontos do Brasil.

Dentro de duas ou três semanas esperamos poder anunciar o nome dos vitoriosos.



PARTILHA

B4-2.5.510M

Os irmãos se separam e entao um diz assim:

"Você fique com o que quiser, eu não faço questão de nada; mas se você não se incomoda, eu queria levar essa rede. Você não gosta muito de rede, quem sempre deitava nela era eu.

O relógio da parede eu estou acostumado com ele, mas você precisa mais de relógio do que eu. O armário grande do quarto e essa mesa de canela e essa tralha de cozinha, e o guarda-comida também. Tudo isso é seu.

O retrato de nossa irmã você fica com ele também: deixa comigo o de mãe, pois foi a mim que ela deu: você tinha aquele dela de chapéu, e você perdeu. O tinteio de pai é seu; você escreve mais carta; e até que escreve bonito, você sabe que eu li sua carta para Júlia.

Essas linhas e chumbadas, o puçá e a tarrafa, tudo fica sendo seu; você não sabe nem empatar um anzol, de maneira que para mim é mais fácil arrumar outro aparelho no dia que eu quiser pescar.

Agora, tem uma coisa, o canivete. Pensei que você tivesse jogado fora, mas ontem estava na sua gaveta e hoje eu acho que está no seu bolso, meu irmão.

Ah, isso eu faço questão, me dê esse canivete. O fogão e as cadeiras, a estante — as prateleiras, os dois vasos de enfeite, esse quadro e essa gaiolá com a coileira e o alçapão, tudo é seu; mas o canivete é meu. Aliás, essa gaiolá fui eu que fiz com esse canivete me ajudando. Você não sabe lidar com canivete, você na sua vida inteira nunca soube descascar uma laranja direito, mas para outras coisas você é bom. Eu sei que ele está no seu bolso.

Eu estou dizendo a você que tudo que tem nesta casa, menos o retrato de mãe — a rede mesmo eu não faço questão, embora eu goste mais de rede e fui sempre eu que consertei o punho, assim como sempre fui

eu que consertei a caixa do banheiro e a pia do tanque, você não sabe nem mudar um fusível, embora você saiba ganhar mais dinheiro do que eu; eu vi o presente que você deu para Júlia, ela que me mostrou, meu irmão; pois nem a rede eu faço questão, eu apenas acho direito ficar com o retrato de mãe, porque o outro você perdeu.

Me dê esse canivete, meu irmão. Eu quero guardar ele como recordação. Quem me perguntar porque eu gosto tanto desse canivete eu vou dizer: é porque é lembrança de meu irmão. Eu vou dizer: isto é lembrança de meu irmão que nunca soube lidar com um canivete, assim como de repente não soube mais lidar com seu próprio irmão. Ou então me dá vergonha de contar e eu digo assim: esse canivete é lembrança de um homem bêbado que antigamente era meu amigo.

Eu sou mais velho que você, sou mais velho pouca coisa, mas sou, mais velho, de maneira que posso dar como se fosse um irmão. Eu estarei dizendo a verdade, porque eu acho que você nunca foi meu irmão. Conselho: você nunca mais na sua vida, nunca mais puxe canivete para um homem; canivete é serventia de homem, mas é arma de menino, meu irmão. Quando você estiver contrariado com um homem, você dê um tiro nele com sua garrucha; pode até matar à traição; nós todos nascemos para morrer. De maneira que, se você morresse agora, não tinha importância; mas eu não estou pensando em matar você, não. Se eu matasse, estava certo, estava matando um inimigo; não seria como você que levantou a arma contra seu irmão.

Bem, mas veja em que condições você me dá esse canivete; um homem andar com uma coisa suja dessas no bolso; não há nada, eu vou limpar ele; nem para isso você presta; mas para outras coisas você é bom.

Agora fique sossegado, tudo que tem aí é seu. Adeus, e seja feliz, meu irmão".

